

## ESTÁGIO EM LICENCIATURA: UM CONTO PELO “PAÍS DAS MARAVILHAS”

Me. Ludimila da Silva Pereira

Dra. Andréa Inês Goldschmidt ☎ 0000-0001-8263-7539

Universidade Federal de Goiás e Universidade Federal de Santa Maria

**RESUMO:** O artigo relata o período de Estágio Curricular Supervisionado em Ciências Biológicas, tendo por objetivo provocar reflexões, através de uma analogia com as metáforas apresentadas no livro Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll. São aqui abordados os diferentes momentos no estágio inicial, relatando as angústias e anseios dos estagiários; as reflexões sobre a docência; a importância e a recepção na escola; o desenvolvimento de um Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) e os resultados obtidos a partir deste. O projeto foi desenvolvido com alunos de

ensino fundamental, envolvendo um circuito pedagógico proposto para uma problemática encontrada na escola: uso de copos compartilhados. O circuito teve duração de 40 minutos, durante três dias consecutivos, contando com diversificação de estratégias de ensino. A execução da proposta foi excelente, tendo o interesse e participação dos alunos. A avaliação da estratégia didática usada, mostrou que os alunos enfatizaram o uso de atividades práticas, em especial, o uso de microscópio. O estágio se mostrou um período importante para reflexões sobre e para a docência.

**PALAVRAS-CHAVE:** ensino; analogia; reflexões

## INTERNSHIP IN LICENCIATURA: A TALE BY THE "WONDERLAND"

**ABSTRACT:** The article reported the period of Supervised Curriculum in Biological Sciences, which aims to provoke reflections, through an analogy with the metaphors presented in Lewis Carroll's book Alice in Wonderland. Here are the different moments in the initial stage, describing the anguish and anxiety of the trainees; reflections on teaching; importance and reception in school; the development of a Pedagogical Intervention Project (PIP) and the results obtained from it. The proposed project was developed with elementary students,

involving a pedagogical circuit proposed for a problem found in the school: use of shared glasses. The circuit lasted 40 minutes, for three consecutive days, counting on diversification of teaching strategy. The execution of the proposal was excellent, with the interest and participation of the students. The evaluation of the didactic strategy used showed that students emphasized the use of practical activities, especially the use of microscopes. The internship was an important time for reflection on and for teaching.

**KEYWORDS:** teaching; analogy; reflections.



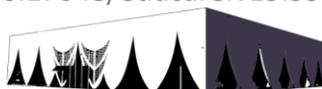
O Estágio Curricular Supervisionado faz parte da matriz curricular do curso de Ciências Biológicas (Licenciatura) da Universidade Federal de Goiás de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96. (BRASIL, 1996), os estágios curriculares supervisionados são de suma importância para os Cursos de Licenciatura, pois os mesmos dão a oportunidade ao acadêmico vivenciar especificidades relacionadas à docência. Ainda, remetem a um relacionamento próximo de teoria e prática, oportunizando a aproximação com a escola campo e o levantando de problemáticas, impulsionando reflexões de como resolve-las e por fim; a construção de um relatório crítico-reflexivo sobre esta vivência.

Desta forma, este artigo apresenta uma narrativa reflexiva deste momento na formação, destacando as angústias e anseios dos estagiários; as reflexões sobre a docência; a importância e a recepção na escola campo; o desenvolvimento de um Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) e os resultados obtidos a partir deste. Para Prado e Soligo (2007):

Ao narrar, visitamos o passado na tentativa de buscar o presente em que as histórias se manifestam, trazendo à tona fios, feixes que ficaram “esquecidos” no tempo. O que buscamos, nesse momento, não é somente trazer informações sobre nossa história, mas, sim, estimular em todos que delas se sentem parte integrante, personagens, o despertar de outras histórias para que se produzam outros sentidos, outras relações, outros nexos (PRADO E SOLIGO, 2007. pg. 51).

Ao sermos convidados a revisitar nossas memórias, vemos distintas interlocuções, ora como estudante, ora como futura professora, e percebemos que para escrever, necessitamos recorrer ao que afirma Jean Paul Sartre:

É preciso que isso nos divirta. E para nos divertir torna-se necessário que a nossa narração ao leitor, através das significações puras e simples que lhe apresentamos, nos desvende os sentidos ocultos, que nos chegam através da nossa história, permitindo-nos jogar com eles; ou seja, servir-nos deles não para os apropriarmos, mas pelo contrário, para que o leitor os aproprie. O leitor é, assim, como que um analista, a quem o todo é destinado (SARTRE apud PRADO e SOLIGO, 2007, pg 45).

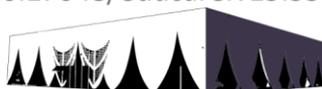


Neste sentido, optamos em escrever este artigo, através de uma analogia, narrando esta trajetória em momentos distintos, mas que estabelecem uma relação íntima entre cada momento. Optamos pelo uso de metáforas, pois elas são consideradas ferramentas importantes na educação, pois segundo O'connor e Seymour (1995), a metáfora contada de maneira clara e simples distrai a mente consciente e ativa a procura inconsciente de significados e recursos; ou seja, revelam elementos ocultos que apenas o inconsciente pode perceber e utilizar. Assim, as metáforas podem ser uma das vias para a configuração das reflexões.

Ciapuscio (2003) afirma que a metáfora, habitualmente considerada uma figura de linguagem com funções ornamentais, vem sendo estudada nos últimos tempos, como um poderoso instrumento do pensamento, uma fonte de explicação, e também em seu possível papel heurístico na pesquisa da natureza. Esta mudança na apreciação da metáfora relaciona-se com os novos modelos e as reflexões da linguística cognitiva sobre o pensamento metafórico, que têm redefinido e revalorizado o recurso. A metáfora ainda é um mecanismo de conceptualização de extrema importância no campo da criação e da comunicação: por sua potencialidade epistemológica de abrir novos modos e caminhos de pensamento e porque lembra domínios de experiência cotidiana, é um recurso efetivo para a explicação e exposição de conteúdos científicos a diferentes tipos de audiências. Evidentemente, por sua característica intrínseca em “clarear” similaridades e, ao mesmo tempo, “apagar” as diferenças mesmo com as reservas sobre seus alcances e riscos, ainda que deixe lugar às dúvidas, o “custo” vale a pena.

Assim, para escrever esse artigo, tivemos o enorme prazer de revisitar a história de “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll (2009) e faremos assim como um dos personagens preferidos neste clássico - O Chapeleiro Maluco – o uso de charadas e metáforas.

Aurélio (2000) define charadas como uma linguagem pouco inteligível, enigmática. Neste contexto, percebemos sua importância, pois é uma forma que



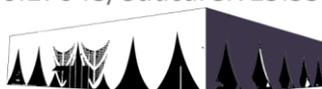
nos faz pensar e refletir sobre assuntos e ao mesmo tempo tentar solucioná-los. Assim, no momento que o Chapeleiro Maluco conhece Alice, além de falar mal de seu cabelo, ele pergunta: “Por que um corvo se parece com uma escrivainha? ”, Alice retruca dizendo: “Fico feliz que ele tenha começado a propor charadas. ” Ironicamente. (CARROLL, 2009, pg.53). Mas, ela nesse momento se sente totalmente desafiada, porque mesmo confusa com o que o Chapeleiro disse, se sente capaz de responder à pergunta. Acreditamos que é assim que se sente o licenciando diante do estágio, diante do ato de escrever. Pois, lidar com o estágio e posteriormente relatar as vivências através de uma narrativa é mais que desafiador; mas, não impossível! É preciso gostar de desafios e sobretudo, assim como a personagem Alice, compreender que talvez não consiga solucionar todas as perguntas.

Frente a essa conjuntura, o presente artigo visa narrar memórias e interlocuções ocorridas durante o estágio, as vivências na escola e o quanto nossas memórias interferem nas nossas ações e reflexões, constituindo um universo de ideias e reflexões, que interligam passado, presente e futuro. Assim, afirma Galzerani (1999):

A memória é uma tessitura feita a partir do presente, é o presente que nos empurra em relação ao passado, uma viagem imperdível, uma viagem necessária, uma viagem fundamental para que a gente possa trazer à tona os encadeamentos da nossa história, da nossa vida ou da vida do outro (GALZERANI, 1999, p. 8).

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O texto aqui narrado se encontra em distintos momentos, cada qual conectado à história da Alice, uma vez que as reflexões que se fizeram foram baseadas nas vivências estabelecidas na escola durante o estágio e no uso de metáforas baseado na leitura de “Alice no país das Maravilhas”, apresentando semelhanças entre este mundo imaginário e a realidade deste momento de formação inicial à docência.

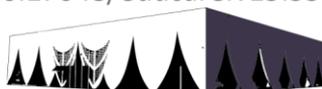


## O PAÍS DAS MARAVILHAS AO CONTRÁRIO

Muitas vezes quando crianças, um dos maiores prazeres está associado a assistirmos desenhos animados, correr pelas escadarias de um edifício, escrever em uma máquina antiga de datilografia e olhar filmes antigos. Ao lembrarmos de um deles, um clássico, “Alice no País das Maravilhas”, compreendemos atualmente, que embora possa fazer parte do imaginário infantil e tenha incrível beleza, pouco se deve ter compreendido do mesmo quando criança, uma vez que se constrói a história a partir de metáforas e ao, revermos este filme, já adultas, apesar de uma versão mais atualizada que na época, passamos a entender o sentido do filme e todas as visões metafóricas, que proporcionam vários sentidos para a interpretação e que podem também elucidar analogias ao período que vivenciamos e aqui narramos – o momento do estágio na docência.

Com isso, iniciamos refletindo com as colocações de Prado e Soligo (2007, pg. 49), quando afirmam que “Nenhuma história tem interpretação única, seus significados são múltiplos - não existe um procedimento racional para determinar se uma interpretação é a única possível”.

Sob o pseudônimo de Lewis Carroll, Charles Lutwidge Dodgson, publicou em 1865 a obra "Alice no país das Maravilhas". O livro conta a história de uma menina que se chama Alice. Ao caminhar pelas imediações da sua casa ela viu um coelho colocando um relógio no bolso; e, curiosa com a cena jamais vista, correu atrás dele e acabou caindo na toca do pequeno saltitante apressado. Alice acabou entrando em um mundo que ela jamais havia visto (podemos dizer que a menina cai dentro dos seus próprios conflitos). E, nos retratado ao coelho que está sempre atrasado, compreendemos o mundo deste personagem, diante da ansiedade que sentimos frente às diversas situações. Percebemos que assim também se sente muitas vezes um estagiário, e o sentimento que nos invade é de muita ansiedade! Ansiedade que nos movimenta e nos faz igualmente correr apressados, para lá e para cá com o relógio na mão. Não diferente deste movimento contínuo, repete-se este ir e vir apressado entre a escola-universidade e



universidade-escola.

Além do coelho, existe outra personagem que queremos citar, o gato. Ele se chama gato sorridente e usa de metáforas confusas para explicar a Alice sobre as supostas regras do novo mundo que agora ela está. O gato de forma perturbadora e confusa conversa com Alice em uma cena. Nesta, Alice está perdida, querendo saber para onde ir. Ao longo da caminhada escuta uma voz cantando e logo se dá conta que no alto da árvore estava um gato que tinha o poder de aparecer e desaparecer. Avistando o gato e sem esperar, Alice já se pôs a perguntar:

Alice: “Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?”

Gato: “Depende bastante de para onde quer ir.”

Alice: “Não me importa muito para onde”,

Gato: “Então não importa que caminho tome”,

Alice: “Contanto que eu chegue a algum lugar.”

(...) “Que espécie de gente vive por aqui?” Alice tentou uma outra pergunta. “Naquela direção”,

Gato, acenando com a pata direita: “vive um Chapeleiro; e naquela direção”, acenando com a outra pata, “vive uma Lebre de Março. Visite qual deles quiser: os dois são loucos.”

Alice: “Mas não quero me meter com gente louca,”

Gato: “Oh! É inevitável”, somos todos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca.”

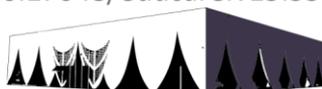
Alice: “Como sabe que sou louca?”

Gato: “Só pode ser, ou não teria vindo parar aqui.”

(CARROLL, 2009, pg. 48).

Ficamos nos perguntando e pensando quantas vezes em nossa formação inicial nos encontramos assim, perdidos? Quantos estagiários estão ainda nesta situação diante das escolhas pela licenciatura? Muitas vezes, diante deste momento nos encontramos assim, “perdidos”, sem clareza de onde estamos e muito menos para onde estamos indo, assim como Alice! Para quem não sabe para onde vai, qualquer caminho serve. Se qualquer caminho serve, então, quem está no controle de nossas escolhas? De fato, é preciso saber aonde se quer chegar, investigar a fundo nossas escolhas e conhecer nossa profissão.

Estas inquietudes são também percebidas pelos nossos orientadores. Sobre isto, Goldschmidt (2015) relata sobre os momentos de ansiedade dos estagiários e como estes também sensibilizam e inquietam o professor orientador. A autora

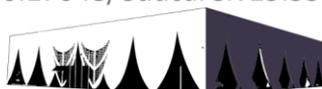


descreve sobre a importância deste formador diante de seus alunos e sobre o papel e o comprometimento deste docente em relação às expectativas do aluno, pois além de apresentar aos futuros professores o ambiente escolar, lidam com muitas expectativas, alunos ansiosos, tomados por angústias, medos, incertezas, mas também por curiosidade e vontade de revelar este novo universo. E assim, afirma o quão atento o professor orientador deverá estar. Pensando nesta relação com este mundo novo de Alice, poder ter com quem contar e auxiliar nesta etapa pode ser um caminho que conduzirá a compreender melhor o caminho a ser percorrido e ainda, revelar aos poucos esta escolha pela profissão.

Fonseca (2003) apud Pimenta e Lima (2004) afirma que o professor orientador, com sua maneira própria de ser, pensar, agir e ensinar transforma seu conjunto de complexos saberes em conhecimento efetivamente ensinável, fazendo com que o estagiário não apenas compreenda, mas assimile, incorpore e reflita sobre estes ensinamentos de variadas formas.

Diante destes anseios, e deste novo universo de Alice, entendemos que o estágio e as outras vivências durante o curso ampliam o olhar frente às problemáticas e para além delas, não nos detendo apenas ao contraste no que acontece de errado ou certo dentro do ambiente escolar, mas, também ao que acontece no íntimo de cada estagiário. Faz-nos querer conhecer melhor este “caminho”, conflitando com o que o gato disse a Alice, como “qualquer caminho serve”. Impulsiona-nos a refletir sobre os motivos que trazem a esta estrada, nossas escolhas feitas e decisões antes mesmo de adentrar ao curso de licenciatura.

Isto nos faz pensar, que muitos, “perdidos” como Alice, tiveram de fazer suas escolhas, e, assim, ao beber a “poção encolhedora” tiveram de passar pela minúscula porta, sem saber ao menos o que teria por trás dela. Pois bem, o fato é que ao aceitar provar da poção, adentram em um mundo desconhecido, do qual o estágio busca aproximar o acadêmico para conhecer melhor, ainda que tomado da ansiedade e da pressa do coelho.

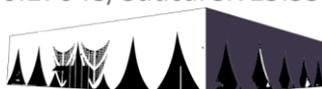


Acrescido a este sentimento de ansiedade, somam-se muitas vezes, depoimentos exaustivos de muitos, sobre a falta de valorização docente e a baixa remuneração; além de as afirmações de Oliveira (2005), quando comenta que o professor também, em dadas circunstâncias, são compelidos, a assumirem os papéis de agente público, assistente social, enfermeiro, psicólogo, entre outros; e, tais exigências contribuem para um sentimento de desprofissionalização, de perda de identidade profissional, de constatação de que ensinar às vezes não é o mais importante.

Lembramos nesse momento na exploração da rainha aos seus soldados/cartas subordinados, que além de sofrer com o seu mau humor, tinham que trabalhar arduamente e com medo. É importante relatar tal angústia, pois muitos estagiários acham maravilhoso o mundo da educação, e vislumbram a sua autonomia e o seu querer em relação ao seu fazer docente. Portanto, há que se fazer compreender que queremos ser soldados/cartas livres de rainhas! Porém, o sistema parece bastante engessado, e o que ouvimos a todo o momento, é a voz da rainha autoritária querendo decapitar quem passasse a sua frente: - Cortem a cabeça, cortem a cabeça! Percebemos nesta cena, a política educacional brasileira, que manda e desmanda, remetendo isso ao abuso de autoridade. E neste momento, nossas angústias se afloram mais e mais.

Ao entrarmos nesse mundo e refletirmos sobre a política atual da valorização docente e condições de trabalho, onde os salários são baixos e a autonomia docente é quase nula, além do desrespeito e desinteresse por parte de alguns alunos, muitos discentes em formação se encontram assustados ou são totalmente desmotivados à docência. Porém, ainda há os que persistem e acreditam fielmente na mudança da educação.

Ao revemos a Ditadura da Rainha, observamos ao longo dos anos, uma conjuntura dificultada pelo descaso com a educação e com investimentos cada vez mais minimamente planejados. Com isso, a reinvenção do trabalho docente tem sido baseada numa lógica meritocrática que tem tratado alunos e professores



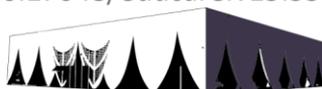
como parte de uma produção fabril, onde o conhecimento e a transmissão de saberes vêm tomando rumos completamente mecanizados (SILVA, 2012).

Não precisamos de cartas submissas a reis e rainhas, precisamos de cabeças pensantes e reflexivas! Mas não é isto que Alice encontra em seu universo! Sabemos que a reflexão é uma capacidade do ser humano e o termo reflexivo tem como uma de suas raízes as ideias do filósofo, psicólogo e pedagogo norte-americano John Dewey (1859- 1952), ao caracterizar o pensamento reflexivo e defender o poder da reflexão como elemento impulsionador da melhoria de práticas profissionais docentes. Dewey (1979) considera o pensamento reflexivo como a melhor maneira de pensar e o define como sendo “a espécie de pensamento que consiste em examinar mentalmente o assunto e dar-lhe consideração séria e consecutiva” (p. 13). Torna-se fundamental, então, que o docente esteja consciente de sua prática, como um profissional reflexivo, na busca de soluções lógicas aos problemas enfrentados (ZEICHNER, 1993).

## **CAINDO EM UM BURACO DESCONHECIDO**

Nunca se imagina que cair em um buraco desconhecido possa ser tão assustador! Assim podemos descrever a primeira vez de muitos estagiários ao entrar em uma escola na condição de futuro docente! É difícil não se sentir “perdido”, assim como Alice. Compreender-se em um ambiente escolar, sem ser aluno!

Para isto, é fundamental a acolhida na escola campo, devendo ser bem calorosa, compreendendo e valorizando os estagiários, que ali se encontram com novas ideias e oxigenando este ambiente com o entusiasmo de iniciar a docência. Precisamos destes professores co-formadores, apoiadores e motivadores, tais como o personagem Dodô, sempre incentivando os que estavam ao seu redor, e ensinando o que poderia ser feito nos momentos de apuros.



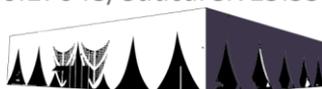
Segundo Custodio (2012), a escola campo possui um papel de acolhimento, contribuição e complementação do processo formativo; fornece espaço para aplicação e adaptação de teorias aprendidas; possibilita vivências que só poderão ser pensadas e teorizadas neste local específico; e também oferece apoio, estrutura, espaço, instrumento e orientação ao estagiário para que ele desenvolva seu trabalho.

Ter outros docentes contribuindo, sem dúvida é vital! Para tanto, esclarecemos que motivação se refere a uma ação que mude algo, ou curso de uma trajetória bem como situações que mova uma pessoa a um estado novo. Ela pode ser entendida como um fator psicológico ou como um processo (BORUCHOVITCH, 2008). Assim, para motivar alunos é imprescindível analisar as formas de pensar e aprender para assim, desenvolver estratégias de ensino que partam das suas condições reais, inserindo os estudantes no processo histórico como agentes participativos.

Acreditamos que este ambiente escolar e a contribuição de outros co-formadores seja fundamental em despertar a nossa motivação em sermos também professores e este entusiasmo e recepção escolar faz com que pelo menos amenize essas angústias que cercam o estagiário. É como diz o Gato, “Oh, isso você certamente vai conseguir, desde que ande o bastante.” (CARROLL, 2009, pg. 48). É preciso caminhada e perseverança, para que haja mudança na educação!

## **NÃO É VENENO! ENTÃO, IREMOS PROVAR DA POÇÃO - COGNOSE**

Existe um grande dilema na vida de Alice e também na dos docentes em formação inicial! A curiosidade e o medo! Ao lembrarmos da história e termos em mente a cena de Alice entrando na sala com várias portas e ter que optar a tomar a poção para entrar ou não em uma delas, percebemos que é assim que sentimos. Assim, nos deparamos com o período de vivência na escola, em adentrar e conhecer este ambiente; ou seja, o período de cognose. Encontramo-nos movidos



pela curiosidade; porém, também com muito medo.

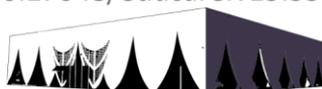
Rezende (2012) apud Silva e Goldschmidt (2016) explica que a “cognose”, tem seu termo inicial na ideia de cognição, palavra de origem nos escritos de Platão e Aristóteles, tendo como significado o ato de conhecer. Considera vários aspectos como integrantes do processo de conhecimento: a atenção, percepções, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento e linguagem. Sendo este termo adequado ao ato de vivenciar e interpretar a escola campo (parceira). O sufixo “ose”, advindo do grego, se fez necessário, uma vez que indica o ato ou efeito da ação, o processo.

Este ato de conhecer, aqui referido como cognose (referente à cognição), se refere à etapa desta trajetória do Estágio Curricular onde ocorre o primeiro contato direto com a escola campo (parceira). Inicialmente, para que a cognose aconteça, devemos também nos preparar, lendo e discutindo referenciais teóricos em sala. Outra coincidência! Antes de Alice seguir o coelho, ela estava sentada à sombra de uma árvore com sua irmã mais velha, e a mesma lia um livro e lhe ensinava a lição. Assim, também, foi em sala de aula, nossa orientadora, já no primeiro dia de aula nos deu um “livro” para lermos e aprendermos a lição, e muitas vezes reclamamos de alguns textos que ali tinha, dizendo que eram chatos, assim como a pequena menina reclamava na história.

Porém, a medida que vivenciamos o estágio, entendemos tal necessidade, torna-se imprescindível, a articulação entre a teoria e a prática. Esta é sempre um desafio!

Pimenta e Ghedin (2005) explicitam que a atividade docente é práxis, e como tal, envolve o conhecimento do objeto, o estabelecimento de finalidades e a intervenção no objeto para que a realidade seja transformada, como realidade social. Desta forma, não há como separarmos a prática da teoria.

Freire (2013) corrobora afirmando que a teoria sem a prática vira verbalismo, assim como a prática sem teoria vira ativismo, no entanto quando se



une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade. Assim, unir teoria e prática é um grande desafio com o qual o educando de um curso de Licenciatura tem de lidar.

Assim, a teoria e a prática são componentes indissociáveis no processo de formação do professor. O Cientista Social Kurt Lewin (1951, p.169), já afirmava, “não há nada mais prático do que uma boa teoria”, o que faz todo sentido pensando na práxis educativa.

## TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

### **Palácio da rainha! Crescer, diminuir, crescer!**

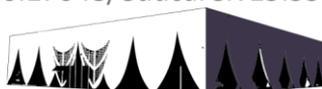
Alice foi jogar críquete com a Rainha em seu palácio, e nós, observarmos a escola. Pois bem, podemos afirmar que foi quase a mesma coisa. Que desconforto! A escola-campo é um espaço formativo, de preparação do estagiário, podendo contribuir para a formação do futuro professor. Além disso, o estagiário conhece todo o sistema educacional da escola, bem como vivencia o dia a dia de uma escola assim como o relacionamento que existe entre os profissionais.

A escola em conjunto com a Universidade, deve se atentar em formar profissionais que sejam críticos, conscientes e capazes de experimentar o novo, agir de forma que contribuam com a transformação da educação (CUSTODIO, 2012).

A escola campo escolhida para este estágio foi uma escola pública do centro-oeste, em Goiânia, próxima à universidade.

Ao iniciarmos a cognose, primeiramente fomos apresentados à escola, ao seu corpo docente, e aos diversos funcionários, para então começarmos a observar. A cognose consiste em observar e a partir destas observações, propor coletivamente um Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) capaz de contribuir para a escola.

Dentre tantos pontos observados, um que se destacou frente a todos os



estagiários, foi a observação da questão da higiene na utilização da água. Nos bebedouros da escola haviam copos que eram compartilhados por toda a comunidade escolar.

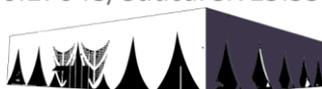
Alice estava muito incomodada de tanto crescer e diminuir, ela queria ficar do seu tamanho real, isso era mais que um problema para ela, pois essa situação a deixava irritada. Sentimos a mesma sensação na visita à escola campo ou Palácio da Rainha, ao nos depararmos com uma problemática na escola, e que nem sempre ganha atenção – presenciamos o uso compartilhado de copos em bebedouros.

A utilização compartilhada de copos, um mau hábito de higiene pode acarretar complicações na saúde, uma vez que se torna via de disseminação de doenças. Além disso, corre-se o risco de se diminuir a quantidade de água consumida por aqueles que estão cientes desta problemática, o que também pode causar graves transtornos de saúde. Manter hábitos de higiene é um meio de prevenção de muitas doenças infectocontagiosas (BRASIL, 2008).

Os bebedouros são vias de contaminação de forma direta através da água ou indireta a partir do contato com o aparelho, o que se agrava pelo fato de não se conhecer os hábitos de higiene de quem os utiliza (ARAÚJO; BARAÚNA e MENESES, 2009). Já o uso compartilhado de copos e diversos outros utensílios coletivos, quando mal lavados e não desinfetados, se fazem meios de transmissão de microrganismos patogênicos promotores de risco à saúde pública (CHRISTOVÃO, 1947).

Silva e Goldschmidt (2016) sinalizam para a importância em reconhecer o papel desempenhado pela escola no que se refere à fomentação de atividades de conscientização e sendo a escola atuante na formação social, moral, cultural e intelectual dos indivíduos, esta contribui para a consolidação de cidadãos capazes de intervir na sociedade e criar condições próprias à saúde.

Diante do exposto, chegamos à conclusão de que a melhor intervenção a



fazer na escola era desenvolver atividades que conscientizassem a comunidade escolar a respeito da ingestão adequada da água e não compartilhar copos. Assim, elaboramos o Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) com o tema de "Uso compartilhado de copos: higiene merece atenção", o qual objetivou esclarecer a comunidade escolar para prevenir riscos quanto ao uso compartilhado do copo, além de enfatizar o benefício do consumo de forma consciente da água.

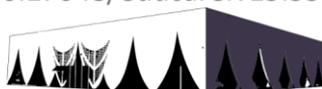
### **Pintando a roseira branca de vermelho – Deixe-nos ajudar vocês a pintar a roseira?**

Uma grande roseira imperava na entrada do jardim: as rosas que nela cresciam eram brancas, mas havia três jardineiros que se ocupavam em pintá-las de vermelho (CARROLL, 2009). Aqui, tivemos que pintar rosas. Precisávamos colorir, afinal cores alegram!

O Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) proposto contemplava os estudantes do ensino fundamental e os alunos do ensino médio, tendo sido desenvolvido com duzentos e sete alunos do ensino fundamental (terceiro ao nono ano).

Pensando em atividades motivadoras e no nosso papel de professores, optamos em realizar um circuito pedagógico lúdico, no qual foi construído um túnel em tecido contendo quatro estações distintas e separadas. O circuito completo teve duração de 40 minutos para cada turma, tendo sido desenvolvido durante três dias consecutivos.

Na primeira estação, os alunos foram convidados a participar do circuito, conscientizando sobre a importância da água. Foi explicado, que os humanos possuem uma relação importantíssima com a água, que inclusive antecede a fecundação, como: formação, mantimento e transporte dos gametas. Também foi esclarecido que durante o desenvolvimento embrionário somos envolvidos por um saco amniótico preenchido por água, e este é somente o início, pois ao longo da

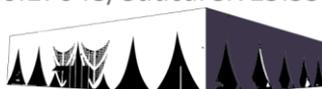


vida, essa é parte estrutural do nosso organismo e mesmo sendo de extrema importância, sua constantemente reposição é fundamental. Foi destacado como essa é essencial para a manutenção da vida humana, pois oferece meios para que sejam realizados os processos metabólicos fundamentais, como digestão, absorção, circulação e excreção. Além de participar da manutenção da temperatura corporal e ajudar no funcionamento adequando de todos os órgãos. Nesta estação utilizamos como recursos didáticos, cartazes informativos e imagens. Por fim, foi apresentado aos alunos, a problemática encontrada na escola.

Na segunda estação tratamos da importância em se preservar a água e a necessidade do consumo consciente, alertando os riscos, através do uso de modelos didáticos (uso de diferentes frascos contendo demonstrativos de água) sobre distribuição de água no planeta e a importância da água para os seres vivos.

Na terceira estação apresentamos algumas doenças que podem ser transmitidas pelo compartilhamento de objetos e pela pouca ingestão de água. Utilizamos um torço anatômico e ainda um copo modelo com microrganismos confeccionados em EVA (do inglês, Ethylene Vinyl Acetate), de modo que visualizassem exemplares microbianos, suas características, morfologia e possíveis locais no organismo humano que poderiam provocar os danos.

Na quarta estação organizamos uma sala de aula que foi denominada de sala das curiosidades. Dentro da sala estabelecemos diferentes ambientes, que tinham como foco principal a prática sobre o assunto abordado, observação de culturas de bactérias, microscópio caseiro (feito com seringa e uma caneta laser - <http://www.manualdomundo.com.br/2011/11/microscopio-caseiro-com-laser-experiencia-de-fisica-e-biologia/>) e microscópio óptico, preparação de lâminas para observação, uso de vídeos, clipes musicais, e apresentação de um aplicativo para celular, denominado whatsagua.



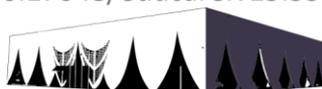
Um mês após a aplicação das atividades pedagógicas, realizamos a pesquisa empírica dentro de uma abordagem qualitativa, que consistiu na avaliação das atividades desenvolvidas, constituindo o *corpus* de análise, duzentos e sete questionários individuais finais. Para tanto, recorreu-se à análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011). De acordo com a autora, a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia). Ainda para avaliação final, recorreu-se aos registros escritos realizados pelos pesquisadores nos diários de bordo.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES - CONVERSANDO COM O CHAPELEIRO E COM A LEBRE MALUCA

As implicações das atividades desenvolvidas no estágio foram intensas e envolveram desde reflexões pessoais, vivência do ambiente escolar, oportunidade na proposição e execução de intervenção, até a possibilidade de avaliação das atividades construídas coletivamente e de produção escrita desta experiência.

Através da *cognose*, pudemos refletir sobre qual seria a necessidade emergente em que poderíamos atuar e contribuir na escola. Foi através das discussões em grupo que conseguimos chegar a um consenso e fundamentar nossa proposta. Ideias diferentes surgiram, porém todos souberam ouvir atentamente as opiniões e refletir sobre a real necessidade de atuação. Realizar esta troca de opiniões, saber trabalhar em grupo, analisar e refletir sobre o que foi observado nos tornam profissionais qualificados para a prática pedagógica.

Todas as ações do projeto, desde a *cognose* até a apresentação das estações do túnel, foram planejadas e executadas na perspectiva de despertar o interesse e a motivação dos alunos. Viveiro e Diniz (2009) apresentam como principal vantagem no emprego da diversificação de atividades e de recursos didáticos, a motivação dos estudantes, fator primordial para a aprendizagem.

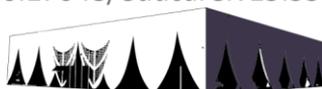


Durante a vivência da Cognose, percebemos coisas boas e também coisas ruins, assim como no País das Maravilhas: amigos, aprendizagem, interesse, compartilhamento de informações. A execução da nossa proposta foi excelente, sentimos que contribuímos muito, pois a maioria dos alunos gostou da intervenção. O envolvimento e o interesse que o circuito pedagógico despertou nos alunos de ensino fundamental foi visível. Eles questionaram, se encantaram com as demonstrações e participaram efetivamente.

Observamos que ao avaliar as atividades desenvolvidas, a atividade mais citada entre os participantes foi o uso do microscópio (57%), sendo que o uso de microscópio caseiro, foi citado de forma significativamente superior (36%) em relação ao uso do microscópio óptico tradicional (21%). Ainda citaram a construção didática do copo contendo microrganismos em EVA e o uso do dorso anatômico referenciando os locais em que cada microrganismo pode provocar danos (21%). Por fim, a terceira atividade mais citada foi o uso de modelos didáticos para explicar a quantidade de água disponível (12%) e ainda a demonstração de meios de cultura com bactérias (6%). As outras atividades foram citadas em menor frequência (4%).

Constatamos com os resultados que as atividades práticas complementando as aulas teóricas, provocam nos alunos o encantamento e o despertar para o novo, fazendo com que a atenção dos alunos seja maior os estimulem a quererem aprender. Silva, Vieira e Oliveira (2009) afirmam que o uso do microscópio proporciona a dinamização das aulas, aproximando teoria e prática, o que torna visível aos discentes a percepção das estruturas microscópicas, até então abstratas.

Em relação à conscientização quanto aos hábitos de higiene, entendemos como sendo um assunto importante e que segundo Rocha (2003), a escola atua como cenário privilegiado de um conjunto de práticas voltadas para o combate de endemias e epidemias, como também para a difusão de meios de prevenção e preservação da saúde. A atividade de conscientização deve ser contínua, e



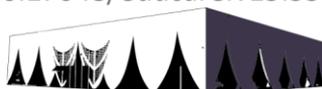
Vasconcelos *et al.* (2001) afirmam que o ambiente escolar é propício ao reforço e à repetição de conhecimentos e hábitos, uma vez que a “[...] motivação deve ser uma atitude constante para que os hábitos de higiene sejam incorporados” (p. 44).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS - CHEGANDO A TEMPO PARA O CHÁ DA TARDE – JÁ É HORA DE CONCLUIR!

Iniciamos este artigo nos fazendo várias perguntas, e vemos que é preciso experimentar para saber se vamos ou não gostar. Pois bem, experimentamos! Fica claro que ter sido criança era muito bom, pois não precisávamos tomar decisões tão complicadas como esta, que é estar em um curso de licenciatura. Terminamos um dos estágios, e percebemos que muitos dos sentimentos ainda se mantêm. Saímos ainda confusos! Apesar da experiência do estágio ter sido boa, parece ser mais fácil escrever do que estar na escola. Os medos ainda persistem, os anseios também.

Percebemos que o período de estágio e vivência na escola é a “chave dourada” de Alice que permite passar pela pequena porta e conhecer um mundo novo, por isso, podemos afirmar que apesar de o estágio não nos remeter a uma vivência real, o mesmo tem uma importância muito grande para os estagiários, pois provoca reflexões importantes e experiência para que os mesmos tomem suas decisões ou suas poções.

O interesse dos alunos por aprender, pela ciência foi encantador; porém, compreendemos que não basta. A dualidade em querer seguir ou não a carreira persiste, e novamente teremos de fazer escolhas, beber ou não a poção que nos levará para um caminho desconhecido? Nessa história toda, ainda há muita “rainha” como o objetivo de a todo o momento querer “cortar o pescoço de quem a desagradasse”. Constatamos a desvalorização docente, como falta de respeito, desinteresse, o que muito entristece. Mas o estágio nos oportuniza amadurecer nossas ideias sobre nosso futuro e também convivermos com a realidade escolar,



possibilitando aos que pretendem seguir a carreira de professor se sentirem mais preparados à docência e ao convívio entre os profissionais que atuam nesse ambiente.

Por fim, como grupo, creio que trabalhamos muito bem, a convivência foi bem prazerosa, fomos bem empenhados e conseguimos cumprir nossos objetivos.

## REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, T. M.; BARAÚNA, A. C.; MENESES, C. A. R. Identificação de *Escherichia coli* em água de bebedouros e nos próprios aparelhos de quatro escolas públicas de Boa Vista. **Anais...** In: Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica (CONNEPI), Belém (PA), 2009.

AURELIO, **O minidicionário da língua portuguesa**. 4ª edição Revista e ampliada do minidicionário Aurélio. 1ª impressão, Rio de Janeiro, 2000.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORUCHOVITCH, E. A motivação para aprender de estudantes em curso de formação de professores. **Educação**, vol. 31, pp. 30-38, 2008.

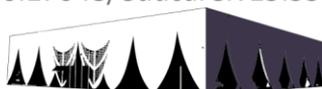
BRASIL, **Lei de diretrizes e Bases da Educação**, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acessado em 11 de abril de 2019.

BRASIL. **Lei nº 11.788/08**, de 25 de dezembro de 2008.

CARROLL, L. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, p. 25. 2009.

CHRISTOVÃO, D. A. O problema sanitário dos copos, louças e talheres dos restaurantes, bares cafés do centro de São Paulo revelado por inquérito bacteriológico: Causas determinantes e sugestões para a sua solução. Universidade de São Paulo. **Arquivos da Faculdade de Higiene e saúde Pública**, v.1, n. 2, p. 241-264., 1947.

CIAPUSCIO, G. E. Metáforas e ciência. **Revista Ciência Hoy**, volume 13, nº 76, pp. 60- 66. ago/set 2003.



CUSTODIO, C. M. de S. A formação inicial do professor e a função da escola-campo de estágio: desafios e possibilidades. **Anais...** In: Seminário De Pesquisa Em Educação Da Região Sul - ANPED SUL, UFPel, 2012.

DEWEY, J. **Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição.** São Paulo: Editora Nacional, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia de autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALZERANI, M. C. **O almanaque, a locomotiva da cidade moderna.** 1999. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, São Paulo 1999.

GOLDSCHMIDT, A. I. Metáfora da árvore e do cerrado: implicações na construção docente. **Anais...** In: XX Sieduca - Seminário Internacional De Educação “Saberes, Alegria e Convivência: a Reinvenção da Escola” e VII Encontro PIBID ULBRA, Cachoeira Do Sul, 23 a 25 de Setembro de 2015.

LEWIN, K. **Field theory in social science; selected theoretical papers.** D. Cartwright (ed.). New York: Harper & Row, 1951.

O’CONNOR, J. e SEYMOUR, J. **Introdução à Programação Neurolinguística.** São Paulo: Summus, 1995.

OLIVEIRA, D. A. Regulação das políticas educacionais na América Latina e suas consequências para os trabalhadores docentes. **Revista Educação & Sociedade,** Campinas, vol. 26. n. 92, p. 753 - 775, out. 2005.

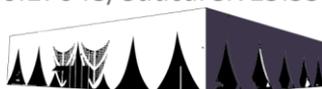
PIMENTA, S. G. e GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2004.

PRADO, G. V. T. e SOLIGO, R. **Porque escrever é fazer história.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

ROCHA, H. H. P. Educação escolar e higienização da infância. **Cad. Cedes,** Campinas, v. 23, n. 59, p. 39-56, 2003.

SILVA, A. M. Precarização do Trabalho docente e meritocracia na educação: O olhar empresarial dos governos e a resistência do professorado da rede Pública do estado do Rio de Janeiro. **Anais...** In: VII Simpósio Nacional Estado e Poder, Uberlândia, 2012.



SILVA, D. R. M.; VIEIRA, N. P. e OLIVEIRA, A. M. O ensino de biologia com aulas práticas de microscopia: uma experiência na rede estadual de Sanclerlândia - GO. **Anais...** In: III EDIPE - Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino, 2009.

SILVA, N. V.; GOLDSCHMIDT, A. I. Explorando ruas que quero ladrilhar: entre a paixão e o receio de ser professor. **Revista Metáfora Educacional**. Feira de Santana – Bahia (Brasil), n. 20 (jan. – jun. 2016), 25 jun. 2016, p. 134-161.

VASCONCELOS, R. *et al.* Escola: um espaço importante de informação em saúde bucal para a população infantil. **Rev. Fac. Odontol**, São José dos Campos, v.4, n.3, p. 43-47, 2001.

VIVEIRO, A.; DINIZ, R. E. S. Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar. **Ciência em tela**, v. 2, n. 1, 2009.

ZEICHNER, K. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa, Educa, 1993.

Recebido em: 20/02/2019  
Aprovado em: 26/05/2019

